

## ***Educação não formal: campos de atuação, de Ligia de Carvalho Abões Vercelli (Org.)***

Jundiaí: Paco, 2013. 199 p. (Pedagogia de A a Z, v. 11).

**Silvana Monteiro Gondim**

Mestranda do Programa de Mestrado em Gestão e  
Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove)  
[gondimsm@hotmail.com](mailto:gondimsm@hotmail.com)

A educação não formal está em expansão desde os anos de 1970, devido a fatores sociais, econômicos e tecnológicos. Além disso, nessa época, houve um aumento da demanda de educação para os setores excluídos da escola, entre eles, adultos, idosos e mulheres; porém, foi na década de 1990 que essa concepção de educação teve maior destaque e vem se expandindo a cada ano. O livro que ora resenhamos, organizado por Ligia de Carvalho Abões Vercelli, aponta essa expansão. Ele é composto por nove capítulos, escritos por diferentes autores, os quais apresentam as várias possibilidades de atuação da educação não formal.

No primeiro capítulo, intitulado “Educação Não Formal e o Educador Social em Projetos Sociais”, Maria da Glória Gohn conceitua educação não formal apontando os locais onde suas práticas se desenvolvem, seus atributos e características metodológicas. A autora também a diferencia da educação formal e informal. Além disso, caracteriza o papel do educador social, suas ações e saberes coletivos nos projetos sociais em que atua e aponta a polêmica questão da formação desse agente social. Esse dado é importante, pois entende-se que esse ator deve ter formação específica para atuar nos grupos aos quais se propõe; caso contrário, o processo de aprendizagem dos participantes fica fragilizado.

“Feio não é Bonito? Relatos de Experiências com a Produção de Arte Infantil em um Espaço de Educação não Formal” é o segundo capítulo do livro. Nele, Zilpa Maria de Assis Magalhães aborda as questões temáticas e diferentes que surgem a partir de um ponto de vista, tanto para adultos como para crianças, sobre um mesmo objeto, figura ou imagem. O espaço de educação não formal – Vivekinha – foi o cená-

rio onde foram desenvolvidas atividades e experiências com crianças de 4 a 10 anos de idade. Para dividir as oficinas e produções de arte e fotografia, a autora convidou profissionais da educação, no caso, arte-educadores. A ideia desenvolvida foi sobre o olhar e a forma de ver, e se ver, gerando discussões filosóficas e conceitos amplos de beleza ou feiura, a partir da subjetividade de cada um. A autora evidencia o menosprezo dedicado às artes nos cursos de pedagogia, apontando a importância de se convocar todas as educações – formal, não formal e informal – a participar do processo educacional das crianças. Entende-se que o trabalho tal como é realizado nesse espaço permite que a criança desenvolva um olhar crítico sobre a arte e, conseqüentemente, sobre as demais áreas do conhecimento.

No terceiro capítulo, intitulado “Educação Musical em Espaços Não Formais de Ensino”, Isa Stavracas faz uma análise sobre a aprendizagem musical na educação formal e não formal, e aponta a educação musical como promotora de transformação social e necessária para o desenvolvimento de crianças e jovens. O capítulo aborda o significado da música e sua inferência para a construção das relações sociais, assim como forma de expressão e sobre o significado do que é a música. Qual o papel da música nas questões regionais, nas escolas, para o aluno e para o docente, sua valorização e intenção? E ainda enfatiza “que a música não é um meio, mas um fim em si mesmo” (p. 67). A autora também aborda o uso da música como elemento norteador para o desenvolvimento de habilidades em dois projetos sociais, a saber: Projeto Guri e Associação Meninos do Morumbi, embora não se restrinjam apenas ao ensino musical nas ações de trabalho nestes projetos. Stavracas ainda contextualiza a questão das políticas públicas e esclarece a posição de sua importância sem esquecer ou diferenciar que a educação não formal não pode ser vista como uma substituta da educação formal.

No quarto capítulo, intitulado “O Projeto Ler e Escrever: Formação de Alunos Pesquisadores”, Ligia de Carvalho Abões Vercelli apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com alunos pesquisadores que atuam como segundo professor nas séries iniciais da rede estadual de educação e que cursam pedagogia na Universidade Nove de Julho (Uninove). O texto aponta como os encontros de formação oferecidos pela universidade favorecem na formação acadêmica desses alunos

e apresenta dados referentes de como o material fornecido pelo projeto Ler e Escrever do Estado de São Paulo tem sido utilizado pelos docentes regentes nas escolas estaduais. Verifica-se que a extensão universitária quando realizada numa perspectiva de ação-reflexão-ação, como propõe Paulo Freire, favorece a relação teoria e prática e, conseqüentemente, traz melhoria à formação do professor.

O quinto capítulo, intitulado “O CEU, como Espaço de Construção do Sujeito Através da Educação não Formal”, de Célia Vanderlei da Silva aborda as práticas pedagógicas e a ampliação de valores sociais desenvolvidos neste espaço de educação não formal, oferece aos seus frequentadores passeios, teatros, palestras, exposições de artes, entre outras atividades esportivas e culturais na intenção de contribuir para o conhecimento e a consciência cidadã a partir destas vivências. Segundo a autora, por meio de diferentes atividades culturais oferecidas pelo CEU é possível desenvolver no indivíduo o pertencimento social, a liberdade de reflexão do seu papel de cidadão. Entende-se que a prática de oferecer experiências culturais recreativas e eventos sociais aos frequentadores desse espaço é de suma importância uma vez que a maioria de seus usuários não tem possibilidade econômica de frequentar outros espaços culturais da cidade de São Paulo.

No sexto capítulo, Monica de Ávila Todaro, com o texto “A Prática Educativa Intergeracional na Educação não Formal”, aborda as questões do envelhecimento populacional e as ações educativas sobre este assunto desenvolvidas junto às crianças como prática pedagógica. A autora faz uma revisão em pesquisas internacionais a respeito deste tema e traz à luz do conhecimento a sugestão de um programa de atividades que podem ser realizadas com nossas crianças. Na fala da autora, escola e sociedade interagem nas intenções dos modelos culturais, entre espaços de educação formal e não formal, e a criança pode ter a acesso a respeito do processo de envelhecimento e do ciclo da vida, através de ações educativas que abordem a gerontologia. Entende-se esse trabalho como fundamental, uma vez que os idosos no nosso país, número este que vem aumentando significativamente, ainda são tratados com menosprezo e desrespeito.

No sétimo capítulo, cujo título é “Aspectos Educativos dos Movimentos Sociais: Historicidade, Problemáticas Atuais e Algumas Possibilidades de Pesquisas”, Carlos Bauer traz, numa perspectiva his-

tórica, alguns apontamentos sobre os movimentos sociais associadas à compreensão do seu caráter educativo, repercussões nas pesquisas educacionais e discussões pertinentes às temáticas: direitos constitucionais, direitos humanos, a conquista da cidadania e o seu papel na construção de uma sociedade e de um estado democráticos no Brasil. O texto sinaliza as relações existentes entre os movimentos sociais, a sociedade civil, a política, as instituições do Estado e as diferentes áreas do conhecimento, apontando que “[...] há muito tempo essas relações são fecundas e inspiradoras de uma série de reflexões interpretativas dos rumos sociais [...]” (p. 156) porém, como salienta o autor, não foi realizado um balanço crítico sobre tais relações.

Isa Stavracas e Renê Esteban Rojo, no oitavo capítulo intitulado “Considerações Acerca da Emancipação, da Educação e da Música em Theodor W. Adorno”, apontam as contribuições e considerações sobre o olhar de Theodor W. Adorno, que foi um músico, alemão, que associava a prática da música e a emancipação do indivíduo, percebidos pelo próprio indivíduo através da pedagogia musical, que propõe demonstrar, através do processo de ensino e aprendizagem, o significado da linguagem da música. Associando arte, música e filosofia, os autores contextualizam a prática de Adorno apontando o quanto o pensamento crítico é capaz de promover significativas mudanças sociais por meio da educação e da música.

No nono capítulo, porém não menos importante, intitulado “Relação entre Educação Formal e Não Formal: A Experiência do Museu Casa Fritz Alt”, Linda Suzana Maciel Poll, Maria Cecília de Barros Santiago e Rúbia Stein do Nascimento apontam a experiência no museu Casa Fritz e a educação formal e não formal, relatando as ações educativas desenvolvidas através de um projeto de exposição itinerante, que percorreu escolas públicas e particulares divulgando a obra de Fritz Alt. As autoras procuraram, neste estudo, demonstrar que as atividades educativo-culturais e museológicas rompem barreiras das fronteiras curriculares, quando enfatizam obras e histórias do museu, que fazem parte do patrimônio cultural a ser conhecido e reconhecido pelos educadores e seus educandos. A escola e o museu são agentes educacionais específicos, cada qual com sua especificidade, sendo que os museus proporcionam o aprendizado por meio dos sentidos e da estética; assim,

possibilita que o educando entre em contato com as memórias e identidades histórico-culturais.

Trata-se de um livro fundamental e de conteúdo relevante por contribuir de maneira significativa com abordagens de múltiplos olhares e ações referentes à educação não formal. Os autores tecem uma reflexão crítica sobre as práticas educativas além da sala de aula e/ou dos muros escolares. De maneira clara e abrangente, os textos ampliam a visão sobre educação não formal. A qualidade do trabalho apresentado é satisfatória, porém a pouca organicidade entre os textos é um ponto a ser revisto, isto é, os capítulos poderiam estar organizados em uma sequência que possibilitasse ao leitor um melhor encadeamento das ideias apresentadas.